

## O CONCEITO DE CULTURA E A PRÁTICA DA ENFERMAGEM\*

## THE CONCEPT OF CULTURE AND THE NURSING PRACTICE

Marisa Monticelli<sup>1</sup>

## RESUMO

A autora aborda os diversos conceitos de cultura, nas diferentes áreas do conhecimento. Aprofunda o conceito de cultura para a antropologia e, a partir das revisões elaboradas busca refletir, para a enfermagem, a importância da compreensão deste conceito.

UNITERMOS: Cultura, enfermagem e cultura, conceitos

## ABSTRACT

The author approaches the concept of culture according to different areas of knowledge. She focus on an anthropological view of culture. Based on the review of the literature, the author emphasizes how important is to understand this concept.

KEY WORDS: Culture, nursing and culture, concepts.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao me perguntar sobre o que é "cultura", percebi a amplitude com que ganhou forma em minha imaginação este termo. Ao mesmo tempo que alguns elementos se delineavam, tais como: *todos têm cultura*; a cultura é imprescindível para a vida humana; ou ainda, é necessário respeitar a cultura dos indivíduos; uma certa inquietude me deixava intrigada. Parecia o mesmo que tentar conceituar vida, sociedade ou necessidade. Definitivamente, o conceito de cultura é extremamente abrangente e complexo.

Não pretendo falar de cultura geral, erudita, da cultura agrícola, das belas artes, ou da educação formal. Pretendo refletir um pouco sobre o significado de um conceito de cultura para o trabalho da enfermagem.

Ao buscar a literatura, ficou um pouco mais intensa a preocupação inicial que tinha, ao perceber que os diversos estudiosos, de diferentes áreas do conhecimento, colocam a cultura como "um dos conceitos mais discutidos nas ciências humanas, um dos conceitos mais difíceis de se definir" (Critelli, 1981, p. 67). Percebi que o termo tem não só diferentes compreensões teóricas, como também diferentes teorias, com uma mesma base epistemológica e que interpretam a cultura de maneira diversa.

Caldas (1986) coloca que a antropologia, a sociologia e a psicologia já dedicaram parte do seu trabalho ao estudo específico do conceito sem, no entanto, chegarem a um consenso.

Mezhúiev (1980), ao estudar a cultura e a história numa perspectiva marxista, observou que nas investigações concretas (históricas, etnográficas, sociológicas) podem-se encontrar as mais diferentes interpretações de cultura que, às vezes, muito dificilmente concordam entre si. Markarián (apud Mezhúiev, 1980) explica as diferentes interpretações para este conceito e as dificuldades em optar por qualquer deles pelo fato da polifuncionalidade do conceito. Segundo esse autor, essa polifuncionalidade é o resultado direto do caráter polifacético do fenômeno que o mesmo expressa, o que leva naturalmente à elaboração de diferentes teses e tarefas cognoscitivas durante sua análise.

Castellanos et al. (1989) colocam que, para os enfermeiros, os "fatores culturais" têm sido pouco reportados aos valores e comportamentos sociais enquanto produtos históricos, sendo mencionados com frequência à "falta de cultura", superstições, crenças e comportamentos não científicos.

Então, discutir um conceito de "cultura" e relacioná-lo à prática da enfermagem, não é realmente tarefa fácil, mas é um desafio que me proponho a enfrentar. Ao refletir sobre este conceito durante o decorrer do presente estudo, não tenho a pretensão de "buscar uma agulha no palheiro", mas procurar o conceito que melhor situe a cultura na área de enfermagem. Langdon (1991, p. 1), enfatiza a importância que este conceito tem para

\* Trabalho apresentado na disciplina Fundamentos Filosóficos e Teóricos da Enfermagem do Curso de Mestrado em Assistência de Enfermagem - UFSC

<sup>1</sup> Enfermeira, Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UFSC

qualquer pessoa que trabalha com saúde, principalmente “nesta sociedade urbana cheia de pacientes representando diferentes grupos étnicos, classes sociais, religiões e regiões geográficas”.

## 2 A CULTURA NAS DIVERSAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

Etimologicamente, a palavra *cultura* existe como termo léxico independente desde o século XVIII. Até então só era utilizada em combinações com outras palavras, significando “função de algo”, como “cultura juris” (elaboração de normas de conduta); “cultura scientiae” (aquisição de conhecimentos, experiências); “cultura linguae” (aperfeiçoamento do idioma) e outros. O termo cultura deriva do latim “colere-colui” (cultivo, cuidado) e inicialmente era relativo à cultura agrícola ou cultivo de solos. Somente mais adiante é que a palavra foi sendo utilizada cada vez mais no sentido de ilustração, erudição, educação do homem (Mezhúiev, 1980; Critelli, 1981).

Como elemento independente, a cultura parece ter surgido em oposição à palavra “natureza” (natureza). A necessidade de diferenciar cultura e natureza por um lado, e cultura e sociedade por outro, não significa que estas esferas existam em separado, isoladas umas das outras, em interrelações mutuamente excludentes. Compreende-se que elas formam um todo único e indissolúvel. A diferença entre elas somente pode ser fixada “nas fronteiras de sua unidade imediata” (Mezhúiev, 1980, p. 149). Para este autor, NATUREZA é tudo que surgiu e existe por si mesmo, por via natural, independente da vontade e desejo dos homens; CULTURA é aquilo que se tem criado, elaborado, aperfeiçoado pelo homem, acomodado por ele para suas necessidades e exigências. Para Marx e Engels (apud Mezhúiev, 1980, p. 151) “os dois são inseparáveis – a história da natureza e a história dos homens – embora existam os homens, a história da natureza e a história dos homens se condicionam mutuamente”.

Na área da psicologia, particularmente no Brasil, existe uma preocupação relativamente recente dos profissionais em considerar a variância do comportamento humano em diferentes contextos sócio-culturais. Classicamente, a pesquisa psicológica vinha sendo considerada limitada a uma cultura universalmente válida. Trabalhos recentes como o de Paiva (1978), começam a abordar a “pesquisa intercultural” como consideração indispensável no estudo dos problemas psicológicos, visando a compreensão das relações entre a cultura e o comportamento individual. Para este autor, a psicologia ocupa-se até os dias de hoje (com raras exceções) com o comportamento como uma realidade natural e, não, exatamente humana. Tratar o comportamento humano como algo natural não parece ter muito sentido. “A natureza, como tal, é uma abstra-

ção, até que o homem a organize em algo que seja significativo para ele, mesmo que o significado seja o absurdo” (Paiva, 1978, p. 62). De qualquer forma, na minha interpretação, apesar da inquestionável realidade do reconhecimento da antropologia para a psicologia, o autor não estabelece um conceito de cultura, deixando em aberto este fenômeno. Pode-se compreender a necessidade de contemplar o contexto cultural dos indivíduos para o melhor entendimento do comportamento dos mesmos, mas nem sempre se pode saber exatamente *que* contexto é esse.

Para a Filosofia, a abordagem da cultura parece estar mais estreitamente ligada à necessidade de reforçar as diferenças entre as reações instintivas e as da inteligência. Identifica a cultura como algo inerente ao homem (e que portanto o diferencia das outras espécies animais). Em ambos os casos, tanto no homem quanto no animal, a acumulação das experiências desempenham papel decisivo, mas a diferença está em que, enquanto no animal esta acumulação se faz ao longo da evolução da espécie, no homem este processo cabe no período de vida de um só indivíduo. “Em relação ao homem há acumulação histórica, de geração a geração, que irá formar a cultura” (Pinto, 1979, p. 422).

Sem realizar um estudo profundo da percepção cultural para a filosofia, busquei para argumentação o texto de Pinto (1979), que trata da “Ciência e Existência”, por julgá-lo oportuno nas considerações que abordo neste estudo. Embora não tenha encontrado um conceito de cultura, percebo que existe uma preocupação ontológica em diferenciar o homem das outras espécies animais através da cultura, pois o homem é o único ser que, na duração da vida individual, revela-se capaz de criar novos conhecimentos. “No homem, em virtude da consciência e da essência intencional desta, o progresso do conhecimento faz-se não pela adaptação do indivíduo ao meio, mas pela adaptação do meio ao indivíduo” (Pinto, 1979, p. 423). Desta maneira, é possível observar que a cultura humana torna o indivíduo capaz de transformar o mundo e, na medida em que ele transforma o mundo, transforma-se também a si mesmo. O processo é absolutamente dinâmico. O homem cria sua própria cultura e a modifica. Assim, não só acresce conhecimentos a sua vida, mas também a qualifica. “Tal conhecimento constitui, em conjunto, a cultura e por isso a historicidade dessa se revela não apenas no volume do saber existente em cada fase do desenvolvimento social, mas na capacidade presente de apreensão intelectual do homem, ou seja, no lado qualitativo do crescimento cultural” (Pinto, 1979, p. 428).

Para Eliot (1988), filósofo inglês clássico, a cultura toma uma outra forma, aliás, três formas. Para este autor, o termo “cultura” tem associações diferentes segundo tenhamos em mente o desenvolvimento de um indivíduo, de um grupo ou classe,

ou de toda uma sociedade. Penso ser importante ressaltar que Eliot (1988, p. 34) estudou a cultura européia que, como denomina, é uma "sociedade altamente desenvolvida". O autor considera a família o canal mais importante da transmissão da cultura e, quando a família deixa de cumprir o seu papel, deve-se esperar que a cultura deteriore. Em sociedades mais civilizadas deve haver níveis diferentes de cultura e, para assegurar a transmissão da cultura (nesses diferentes níveis), deve haver grupos de famílias persistindo, geração após geração, cada qual no mesmo modo de vida. O autor diz ainda que nenhuma cultura pode surgir ou desenvolver-se, salvo se estiver relacionada com uma religião. A cultura é, essencialmente, a encarnação da religião de um povo. Nota-se que o autor sofreu influência do evolucionismo cultural, em que a civilização mais complexa é culturalmente mais elevada que a sociedade primitiva.

Concordo com Eliot quando afirma que o canal mais importante da transmissão da cultura é a família. Por outro lado, considero importante observar que as pessoas não são cegas às regras e tradições familiares. As normas e regras de comportamento são questionadas, o que leva a uma dinamicidade da própria cultura.

As relações sociais que o homem estabelece durante o seu processo de viver, o papel da mídia e outros fatores, ainda, são "influenciadores" do processo cultural. Porém, a religião organiza e dá sentido ao que não é compreensível como algo natural.

Finalizando, é importante observar o que o autor considera como conceito de cultura – "cultura é para mim, antes de tudo, o que significa para os antropólogos: o modo de vida de um povo em particular, que vive junto, num lugar" (Eliot, 1988, p. 149).

Na área da Educação, a cultura toma uma forma bastante ampla. Para Critelli (1981, p. 70-71), "cultura é o modo de alguém viver sua realidade, seu mundo, sua circunstância; é o modo de viver a vida de alguém; implica em alguém vivendo sua vida de um certo modo... Cultura é o cuidado que o homem tem com o seu mundo, com sua realidade".

Freire (1983a, 1983b) coloca a importância de se resgatar o conceito antropológico de cultura no processo pedagógico. Esse conceito esclarece, através de sua compreensão, o papel dos homens no mundo e com o mundo, como seres da transformação e não da adaptação. Para o autor, embora não seja esclarecida *qual* a perspectiva a que se refere, o conceito é importante porque faz distinção entre os dois mundos: o da natureza e o da cultura. Desta maneira, a cultura envolve "o papel ativo do homem em sua e com sua realidade... a cultura faz o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez. A cultura como resultado de seu trabalho... como uma incorporação, por isso crítica e criadora, e não como uma justaposição de informes ou prescrições dadas" (Freire, 1983b, p. 109).

### 3 A CULTURA E A ANTROPOLOGIA

A Antropologia é a área que vem se preocupando, desde seu surgimento, com os conceitos de cultura. Inúmeros estudiosos têm elaborado trabalhos nesta área nos últimos cem anos, desde as manifestações iluministas até a época moderna. Mesmo que fosse objetivo principal deste trabalho, não conseguiria abranger todos os resultados obtidos com este tema, até o momento. Para fins de estudo sobre os conceitos de cultura, utilizo alguns autores antropólogos que estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais. Penso que este contexto é extremamente interessante para a enfermagem.

No entendimento de Tylor (1975, p. 29) "cultura é aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes, e quaisquer outros hábitos e capacidades adquiridas pelo homem enquanto membro da sociedade". Este antropólogo coloca a cultura como sinônimo de civilização, o que mostra sua influência evolucionista para a antropologia. Para ele, a civilização tem distintos graus que são considerados etapas de desenvolvimento ou evolução. Possui uma postura generalista, uma vez que a situação da cultura pode ser investigada segundo princípios gerais e é "um objeto apto para o estudo das *leis* do pensamento e da *ação* do homem" (p. 29, grifos meus). No meu modo de entender, Tylor tem uma abordagem positivista. Considera as leis de causa e efeito, onde tudo que acontece tem uma razão, além de estudar o homem através das leis da natureza. Para ele "... as causas naturais e concretas determinam em grande medida a ação humana" (p. 30). A cultura assume uma caráter universal. "Igual a um catálogo [onde] todas as espécies de plantas e animais representa a fauna e flora, assim [também] os artigos da vida em geral de um povo representam esse conjunto que denominamos cultura" (p. 34).

Mercier (apud Laraia, 1986) critica Tylor (1975) por não reconhecer os múltiplos caminhos da cultura. Stocking (apud Laraia, 1986) também o critica por deixar de lado toda a questão do relativismo cultural e tornar impossível o moderno conceito de cultura. Embora critique o conceito de cultura formulado por Tylor (1975), gostaria de ressaltar que ele marcou profundamente o caráter de que a cultura é aprendida, em oposição à idéia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos ou orgânicos. Somente este aspecto já nos permite levá-lo em consideração, quanto mais o fato de ter sido o primeiro estudioso a conceituar cultura (em 1871). Depois dele, muitos outros antropólogos abordaram a cultura com a perspectiva da diversidade cultural.

Malinowsky (1975) passa a ter outra abordagem: o universal está no biológico e as diferenças estão nos aspectos culturais. Para ele, a cultura

inclui os artefatos, bens, procedimentos, técnicas, idéias, hábitos e valores herdados. "A organização social não pode compreender-se verdadeiramente, exceto como uma parte da cultura; e de todas as linhas especiais de investigação relativas às atividades humanas, os agrupamentos humanos e as idéias e crenças humanas se fertilizam umas às outras no estudo comparativo da cultura" (Malinowsky, 1975, p. 85). Se para Tylor, a análise da cultura era feita pela *forma*, para Malinowsky, a *função* da cultura é que é a essência.

Kroeber (apud Laraia, 1986) foi outro estudioso que muito contribuiu para ampliar o conceito de cultura. Passo então a colocar alguns pontos que considero mais relevantes, na sua contribuição: a) *cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos. Ao invés de modificar para isto o seu aparato biológico, o homem modifica seu equipamento superorgânico*; b) adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que a *agir* através de atitudes geneticamente determinadas; c) a cultura é um processo cumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo.

Para Boas (apud Langdon, 1974) cultura é uma totalidade de valores, padrões de comportamento e conhecimento compartilhados, aprendidos e utilizados pelos seres humanos para entender e reagir às experiências que vivem. Partindo dessa visão, Geertz (1973), através da antropologia simbólica, começa a construir a cultura como uma ciência interpretativa. Para Langdon (1974, p.14) "a antropologia simbólica está primariamente preocupada com o significado dos elementos que as pessoas empregam para entender, comunicar e agir".

Geertz (1973) conceituou cultura como uma teia de significados que é pública e estruturada. Para este autor, que tem sido citado em uma variedade de trabalhos recentes, principalmente na antropologia da saúde, é extremamente importante estudar as especificidades e não simplesmente buscar as considerações gerais (o oposto, portanto, de Tylor). Nesta perspectiva, o caminho da cultura é o de esclarecer o fenômeno humano. Geertz (1973, p. 15), com muita propriedade, esclarece seu argumento na seguinte afirmação: "Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias e significados que ele mesmo teceu, *assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado*". A cultura então passa a ser pública, porque o significado o é. É também estruturada porque tem uma lógica própria, não é simplesmente uma colcha de retalhos.

A antropologia simbólica encontrou em Geertz um grande defensor e Geertz encontrou na interpretação simbólica a explicação para a cultura dos indivíduos. Os símbolos não são apenas simples

expressões, instrumentalidade ou correlatos de nossa existência biológica, psicológica e social; eles são seus pré-requisitos. Sem os homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens. Estudar a cultura é estudar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura.

Para Langdon (1991), cultura é qualquer atividade física ou mental que não seja determinada pela biologia e que seja compartilhada por diferentes membros de um grupo. A cultura inclui valores, símbolos, regras de vida e costumes. Além disso, é aprendida, compartilhada e padronizada. Coloca que é aprendida porque não se pode explicar as diferenças biológicas do comportamento humano através da biologia. É compartilhada e padronizada porque o comportamento cultural é diferente do comportamento individual. Para Langdon, a cultura tem o papel de determinar como um grupo vai sobreviver. Ela "organiza o mundo para o grupo e o organiza segundo sua própria lógica, para formar um total. Assim, a cultura tem sua própria lógica e sua integração depende dessa lógica" (Langdon, 1991, p. 3).

#### 4 O CONCEITO DE CULTURA E A ENFERMAGEM

Embora não possa, pelas limitações temporais de produção deste trabalho, dirigir o enfoque para uma análise mais profunda e sistemática de todas as teorias produzidas pela enfermagem, pretendo fazer algumas colocações de algumas teorias que, de uma maneira ou de outra, introduziram "a cultura" em seus pressupostos teóricos-filosóficos. Deter-me-ei mais pormenorizadamente em Leininger (1978), por considerá-la a primeira enfermeira a trabalhar sistematicamente a cultura, como um dos conceitos centrais da enfermagem.

Roy (apud George, 1985) ao elaborar seu Modelo de Adaptação, elegeu cinco elementos que considero fundamentais no desenvolvimento do trabalho de enfermagem: a) pessoa; b) objetivo de enfermagem; c) atividades de enfermagem; d) saúde; e) ambiente. Pretendo chamar atenção aqui, ao que a autora denominou como ambiente; ou seja, todas as condições, circunstâncias e influências (*cultura*, família, crescimento, desenvolvimento, valores pessoais) envolvendo e afetando o desenvolvimento e o comportamento das pessoas ou grupos, isto é, estímulos externos ou internos. Apesar de não incluir a cultura como um conceito importante em seu modelo, indiretamente pode-se perceber que esta não é, para Roy, alijada do homem. O homem não é só natureza, não se relaciona só com o seu ser biológico, tanto a nível individual quanto grupal, na família ou na comunidade. O auto-conceito que o indivíduo possui é composto de crenças e sentimentos que por sua vez é formado de percepções internas e de percepções das reações dos

outros. Esta soma de percepções de si e dos outros indicam caminhos na direção de que os indivíduos não são iguais. O que então os faz diferentes? Penso que a dimensão cultural de Roy encontra-se justamente aí e é essa diferença cultural que faz com que a assistência de enfermagem enfoque cada homem de maneira distinta dos outros homens.

Para Orem (1985), as maneiras de encontrar o auto-cuidado dos indivíduos variam conforme a *cultura* desses indivíduos. Quando fala sobre os conceitos gerais de sua teoria, ao incluir a aprendizagem do indivíduo, afirma que as atividades são aprendidas de acordo com as crenças, hábitos e práticas que caracterizam o modo de vida cultural do grupo ao qual o indivíduo pertence. Embora concorde com a autora de que a cultura está intrinsecamente ligada ao modo de vida das pessoas, poderíamos inclusive dizer que cultura é o modo de vida dos indivíduos. Orem não foi muito consistente em esclarecer como a enfermagem pode atuar neste processo.

Parse (apud Gonzaga; Marques, 1992) na sua teoria "Homem-vivendo-saúde" vê a saúde como um processo aberto relacionando-se com a experiência do homem e com a hierarquia de seus *valores*. Portanto, embora não explicita, sua visão é também cultural. Os valores e as experiências dos indivíduos são inerentes ao meio cultural do homem. São elementos que, como disse Langdon (1991), são aprendidos e compartilhados. A "coexistência do homem", colocada por Parse, significa que este não está sozinho em nenhuma dimensão de "tornar-se". O homem é um ser emergente e está no mundo com os outros. "Sem os outros a gente não poderia saber o que a gente é (Parse, apud Gonzaga; Marques, 1992, p. 8). Este postulado de Parse identifica o fator cultural, que só existe porque se compartilha com os outros os valores, crenças, hábitos e experiências de vida. Parse inclusive chama a atenção ao fato de que "as experiências participativas do homem com situações de saúde tem sido virtualmente ignoradas pela enfermagem" (Parse apud Gonzaga; Marques, 1992, p. 1).

Em sua teoria, a autora combina os princípios de Rogers ao abordar os temas de significado, ritmicidade e transcendência. Coloca que construir a realidade é dar significados para as experiências singulares. Estas são as perspectivas individuais incorporadas através da comunicação pessoal do IMAGINADO e VALORIZADO. "O homem interage com os outros em várias visões de mundo, assim cria os *significados* de todas as relações" (p. 14, grifo meu).

Leininger, por certo, é a teorista de enfermagem que melhor identificou o contexto cultural, como inerente e condicionante de todos os aspectos que permeiam a relação saúde-doença. Não só colocou a cultura como um dos conceitos centrais de seu "Modelo do sol nascente", como caminhou

em busca de uma nova sub-área para a profissão, denominada Enfermagem Transcultural (Leininger, 1978). Para esta teorista, "CULTURA são valores, crenças, normas de comportamento e práticas relativas ao estilo de vida, aprendidos, compartilhados e transmitidos por um grupo específico, que orientam o pensamento, as decisões e as ações dos elementos pertencentes ao grupo" (apud Gualda; Hoga, 1992, p. 77). Leininger chama a atenção dos enfermeiros para o fato de que diferentes culturas percebem, sabem e praticam o cuidado de diferentes maneiras, mas há algumas similaridades sobre o cuidado em todas as culturas do mundo. Este aspecto se refere à universalidade e também à diversidade do cuidado cultural. O cuidado cultural, por sua vez, são os valores, as crenças e expressões padronizadas conhecidas que assistem, apoiam ou capacitam o indivíduo ou grupo a manter o bem-estar, implementar condições humanas de vida ou enfrentar a morte e as incapacidades.

O trabalho de Leininger, sem dúvida, continua trazendo inúmeras contribuições para a enfermagem de todos os lugares do mundo, e a importância do enfoque antropológico para a prática de enfermagem tem tido reflexos em muitos trabalhos elaborados por enfermeiros, principalmente nos Estados Unidos: George (1975), Horse (1989), Dobson (1988), Hagey (1988) e outros, e no Brasil: Gualda e Hoga (1992), Patrício (1990); Bohes (1990) e outros.

Alonso e Monticelli (1992), ao estudarem a Teoria de Enfermagem Transcultural da Dra. Madeleine Leininger, buscaram compreender as raízes do pensamento da autora, os conceitos e definições de sua teoria bem como elaboraram uma proposta de processo de enfermagem baseado no "modelo do sol nascente". Ao proceder este estudo, as autoras analisaram as várias contribuições que a teoria tem dado à prática de enfermagem e também levantaram alguns questionamentos como: "A cultura é socialmente determinada, ou é a sociedade que se organiza e determina a cultura? Na nossa maneira de pensar e agir (enquanto indivíduos e enquanto profissionais) observamos que há uma enorme dependência e forte interrelação constante entre estes dois conceitos" (Alonso; Monticelli, 1992, p. 11). Nesta perspectiva, Leininger não foi muito consistente, quando elaborou o conceito de cultura. Talvez este mesmo motivo tenha levado Patrício (1990) a buscar outros autores para elaborar um conceito de cultura, muito embora o marco conceitual utilizado tenha se baseado em grande parte, em Leininger. Para Patrício (1990) os conceitos de Leininger não foram utilizados na íntegra porque não preenchiam na totalidade a sua compreensão, necessitando de proposições de outros autores para torná-los adequados a uma concepção mais ampla. Desta forma, para a autora, "Cultura refere-se aos valores, crenças, normas e modos de vida praticados que foram aprendidos, compartilhados e transmitidos entre os homens ao longo da

história. É um processo permanente pelo qual os homens orientam e dão significado às suas ações, cuja dinamicidade ocorre a partir das reorganizações das representações na prática social... Apesar dessa dinamicidade, alguns fatores não se modificam por longo tempo, tornando-se característica dominante do indivíduo ou grupo..." (Patrício, 1990, p. 69).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Torres (1986), "conceito" é uma formulação mental de um objeto, propriedade ou evento que deriva da experiência de percepção individual. Sabe-se que as experiências de percepções individuais são extremamente variadas (variam com o contexto sócio-cultural das pessoas). A fim de evitar deturpações e enveredar em divagações que nos afastam dos objetos do estudo, é muito importante que as imagens dos fenômenos sejam formalmente descritas, para que se tenha um entendimento público do conceito que se esteja referindo. Kovalzon e Kelle (1975) vêem a importância de destacar, de um modo mais ou menos claro, o objeto que nos dispomos a examinar, e formular os princípios do estabelecimento de sua definição.

Pode-se perceber que a *cultura*, como conceito, tem significados bastante diversos e às vezes até opostos, dependendo da percepção de cada pessoa (ou de cada estudioso).

Se a enfermagem é uma ciência a serviço do ser humano, é necessário que este ser humano seja entendido na dinâmica de sua vida individual e no conjunto da sociedade. É nesta perspectiva que entendo o conceito de cultura como indispensável para a prática da enfermagem, em qualquer campo de atuação profissional.

Os conceitos de *cultura* levantados neste trabalho não resumem a diversidade das interpretações existentes, mas mostram um caminho para que se formule um conceito de cultura para a prática de enfermagem. Neste sentido, passo a descrever algumas proposições que surgiram no desenvolver do estudo e que, na minha percepção, são importantes para o estabelecimento de um CONCEITO DE CULTURA - baseado principalmente em Geertz, (1973) Leininger (1978) e Langdon (1991):

- a cultura é uma "teia de significados" que o próprio homem tece. É parte integrante do sistema social. Através dela os homens se orientam e dão significados às suas ações;

- a cultura é dinâmica - os indivíduos estão sempre reorganizando suas representações. A tradição e os padrões culturais persistem na medida em que persistem as situações que lhes originaram, mas os indivíduos não são cegos às regras e podem alterar seus significados para expressar novas situações;

- a cultura é pública, compartilhada, aprendida e lógica. É pública porque há um consenso em rela-

ção aos significados; é compartilhada porque um indivíduo sozinho não inventa cultura, pois é através das interações dos indivíduos desempenhando e reinventando papéis sociais que a história se desenrola; é aprendida porque independe da questão biológica e é lógica porque é organizada;

- a cultura não é apenas um produto. É importante que os enfermeiros estudem a maneira como ela é produzida (relação entre ação e representação);

- na prática da enfermagem, os enfermeiros não devem somente "levar em consideração" ou "respeitar" as práticas dos indivíduos, mas entendê-las enquanto práticas culturais, com diferentes significados;

- a abrangência da concepção "saúde-doença" perpassa os costumes, os valores e as relações cotidianas dos grupos sociais;

- a cultura pode vir a ser um guia para a ação de enfermagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALONSO, Ilca L. K.; MONTICELLI, Marisa. *Teoria de enfermagem transcultural de Dra. Madeleine Leininger*. Florianópolis, 1992. 13p. Texto mimeografado.
- 2 BOHES, Astrid Eggert. *Prática do cuidado ao recém-nascido e sua família, baseado na teoria transcultural de Leininger e na teoria do desenvolvimento da família*. Florianópolis: UFSC, 1990. 188p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.
- 3 CALDAS, Waldenyr. *Cultura*. 4. ed. São Paulo: Global, 1986. 94p. (Coleção para Entender, 5.)
- 4 CASTELLANOS, Brígida E.P. et al. Os desafios da enfermagem para os anos 90. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 41, 1989, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989. p. 147-169.
- 5 CRITELLI, Dulce Mára. *Educação e dominação cultural: tentativa de reflexão ontológica*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1981. 92p.
- 6 DOBSON, R. Transcultural health visiting: caring in a multicultural society. In: MORSE, Janice M. (org.) *Issues in cross-cultural nursing*. Edinburgh: Churchill Livingstone, 1988. p. 61-79. (Collection Recent Advances in Nursing, 20.)
- 7 ELIOT, T.S. *Notas para uma definição de cultura*. Tradução por Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1988. 153p. Tradução de: Notes towards the definition of culture. (Coleção Debates, 215.)
- 8 FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a. Cap. 4, p. 101-122: Educação e conscientização.
- 9 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 12.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983b. Cap. 3, p. 89-141.
- 10 GEERTZ, Cliford. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books, 1973.
- 11 GEORGE, Julia B. *Nursing theories: the base for professional nursing practice*. 3.ed. Connecticut: Appleton, 1985. 401p.
- 12 GONZAGA, Amaury; MARQUES, Carmem L. *Homem - vivendo - saúde: uma teoria de enfermagem*. Florianópolis, 1992. 18p. Texto mimeografado.
- 13 GUALDA, Dulce Maria Rosa; HOGA, Akiko Komura. Estudo sobre teoria transcultural de Leininger. *R. Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 75-86, 1992.
- 14 HAGEY, R. Retrospective on the culture concept. In: MORSE, Janice M. (org.) *Issues in cross-cultural nursing*. Edinburgh: Churchill Livingstone, 1988. p.1-10. (Collection Recent Advances in Nursing, 20.)
- 15 HORSE, J.M. Cross-cultural nursing: a unique contribution to medical anthropology. *Medical Anthropology*, New York, v. 12, n. 1, p. 1-15, Nov. 1989.